

**AS RELAÇÕES DE PODER NO CAMPO EPISTEMOLÓGICO DA  
COMERCIALIZAÇÃO DOS CORPOS: ESTIGMATIZAÇÃO DO CONTROLE  
SOCIAL**

**THE RELATIONS OF POWER IN THE EPISTEMOLOGICAL FIELD OF THE  
COMMERCIALIZATION OF BODIES: STIGMATIZATION OF SOCIAL CONTROL**

Driane Fiorentin<sup>1</sup>  
Felipe da Veiga Dias<sup>2</sup>

**RESUMO:** A ínfima linha entre a prostituição de rua a indústria pornográfica feminina, apesar de tratar-se de dois trabalhos de cunho sexual, gera percepções diferentes de um mesmo grupo social. Enquanto um dos trabalhos é lucrativo, tolerado e amplamente divulgado, o outro é visto como uma atividade repulsiva, marginalizada e desprovida de qualquer tipo de segurança. O presente trabalho foi desenvolvido com o intuito de compreender como a sociedade vem reagindo de forma discrepante a dois trabalhos de natureza similares e as relações de poder existente na hierarquização da prostituição.

**Palavras-chave:** Indústria Pornográfica; Prostituição; Relações de Poder

**ABSTRACT:** The tiny line between street prostitution and the female pornographic industry, despite being two works of a sexual nature, generates different perceptions of the same social group. While one of the works is profitable, tolerated, and widely publicized, the other is viewed as a repulsive, marginalized activity devoid of any kind of security. The present work was developed with the aim of understanding how society has been reacting in a different way to two similar works and the existing power relations in the hierarchy of prostitution.

**Keywords:** Pornographic Industry; Prostitution; Power Relations

## **1 DA RELAÇÃO DE PODER NA GRÁMATICA**

A palavra “prostituta” é um substantivo feminino com acepção de “aquela que se dedica ao exercício da prostituição; mulher que faz relações sexuais por dinheiro”<sup>3</sup>, com origem etimológica no latim e tem sido utilizado também, como termo pejorativo na

<sup>1</sup> Bacharela em Direito pela Faculdade Meridional (IMED) – Passo Fundo. Integrante do Grupo de Pesquisa “Criminologia, Violência e Sustentabilidade Social”, coordenado pelo prof. Dr. Felipe da Veiga Dias (IMED).

<sup>2</sup> Pós-doutorando em Ciências Criminais pela PUC/RS. Doutor em Direito pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) com período de Doutorado Sanduíche na Universidad de Sevilla (Espanha). Professor da Faculdade Meridional (IMED) – Passo Fundo. Coordenador do Grupo de Pesquisa “Criminologia, Violência e Sustentabilidade Social”. Advogado. Passo Fundo – Rio Grande do Sul – Brasil.

<sup>3</sup> PROSTITUTA. Dicionário online Dicio, 17 maio 2019. Disponível em:<  
<https://www.dicio.com.br/prostituta/>>. Acesso em 17 maio 2019.

linguagem comum. Em contrapartida, a mulher que também utiliza de seu corpo para o comércio sexual, mas que o faz diante de câmeras para ser comercializado vem a ser conhecida como “atriz pornô”, que em definição informal, significa “Atriz que faz filme pornográfico a troco de dinheiro, prostituta”.<sup>4</sup>

Na definição acima exposta, tanto o termo “prostituta” como “atriz pornô” levantam em comum a troca de favores sexuais por dinheiro, sendo que as atrizes acabam por vender conjuntamente sua imagem, enquanto as prostitutas trabalham de forma menos midiática. A diferença na escolha gramatical não é mera coincidência, mas sim um instrumento de poder na comercialização dos corpos para determinados grupos de consumidores, levando em conta características sociais e econômicas destes, para então, ofertar o produto de seu gosto.

Essa diferença nas nomações de profissões semelhantes impulsiona a rotulação dessas profissionais, traçando um estereótipo acerca do tipo de pessoa que pertence a determinada classe profissional, fortalecendo ainda mais a hierarquização deste ofício. Esse impulso, do mesmo modo, não é manuseado fortuitamente, mas sim como uma forma de individualizar e cercear essas categorias, reforçando a estruturação desses trabalhos com a finalidade de manter uma categoria na marginalização (prostituição de rua) para que se engrandeça outra (indústria pornográfica/acompanhantes de luxo) e desta forma obter uma maior lucratividade. Logo se exerce uma forma de opressão para que seja assegurado o maior rendimento econômico possível. Como cita Magaluti (2011, pag. 95): “é nessa transformação dos corpos em corpos dóceis, nessa doce utilidade, nessa ductilidade da vida humana, que vai se espriar a microfísica do poder”.

A hierarquização dos trabalhos de cunho sexual tem sido utilizada como estratégia para alimentar e expandir o comércio dos corpos, dedicando-se as peculiaridades de cada demanda e sempre objetivando conquistar o máximo de lucro com a comercialização destes, partindo desde a venda da sensualidade em fotografias até serviços sexuais prestados a domicílio. Segundo Benitez (2010, p. 41) “Existe uma hierarquização nos modos de exercer a prostituição, e a rua está no patamar mais baixo”. Tem-se atualmente no país, agências especializadas em ofertar atrizes e atores pornôs de acordo com a exigência de cada produtora, bem como contratos para firmar acordos sobre cada cena ou filme que os atores realizarão. Essa personalização, em resposta a procura do mercado, evidencia a forma

---

<sup>4</sup> ATRIZ PORNO. Dicionário online informal, 18 maio 2019. Disponível em:< <https://www.dicionarioinformal.com.br/atriz%20porn%C3%B4/>>. Acesso em: 18 maio 2019.

simplista de como os corpos continuam a serem tratados como meros objetos de troca, produtos que podem facilmente serem negociados e principalmente substituídos.

Pensamentos que emergem dentro do horizonte cognitivo moldado pelas práticas diárias dos consumidores invariavelmente acentuam o agudo interesse pelo mercado consumidor e ampliam-lhe os poderes de sedução. Ao contrário do processo produtivo, o consumo é uma atividade inteiramente individual. (BAUMAN, p.54)

Na obra “nas redes do sexo”, a autora Benitz, descreve a classificação em quatro níveis: A, B elevado, B e C. Em suas palavras, as duas primeiras divisões seriam “pessoas que têm família, têm uma vida social razoável, têm uma casa, têm tudo, mas tem a fantasia de fazer algum tipo de coisa voltada a pornografia [...]”(BENITEZ, 2010, pag. 41), enfatizando a presença de pessoas de classe média/alta com escolaridade e condições sociais e financeiras para não precisarem estar ali. O grupo B, por outro lado, trata-se de pessoas com escolaridade média, que possuem família e estão desempregados ou necessitando de complemento financeiro no orçamento. Por fim, o último nível consiste em pessoas que trabalham na área por pura necessidade, como é o caso da prostituição de rua, ganhando baixos valores e submetendo-se a marginalização social.

## **2 DA SOCIEDADE DE CONSUMO E A COMERCIALIZAÇÃO DO PRAZER**

O comércio sexual tem se tornando um ramo produtivo para o mercado. De acordo com a revista americana The Week, a pornografia vem movimentando no mundo, aproximadamente US\$ 97 bilhões por ano, com tendências a aumentar essa produtividade, visto que a demanda de consumo continua se expandindo.

O mercado, por sua vez, pode ser mais bem visualizado não como um sistema, mas como um campo de esportes - o local do jogo de oferta e procura. Ostensivamente, a venda de mercadorias é o interesse do jogo - porém, na realidade, algo mais ocorre aí: é somente no decurso do jogo que sinais são transformados em mercadorias. A oferta fornece entidades destinadas a se tornarem mercadorias - mas é a procura que as converte nisso. Além disso, o processo de "mercadorização" é simultaneamente o ato de nascimento do consumidor: mercadorias potenciais e compradores potenciais realizam-se juntos (BAUMAN, 1999, p. 172.)

A primeira revista Playboy foi lançada no ano de 1953, por Hugo Hefner, sua esposa Millie Williams e alguns amigos, contendo um artigo sobre Jazz, parte da história de Sherlock Holmes de Arthur Conan Doyle, uma foto de um jovem Yonqui, uma história sobre o

adultério de “Decamerón”, um texto irônico sobre a excessiva carga financeira que recaia sobre os homens após o divórcio, uma reportagem sobre projetos de escritórios para escritórios modernos e uma foto colorida de Marilyn Monroe, que garantiu a venda de aproximadamente 54.000 exemplares (PRECIADO, 2010, p. 24-25).

Logo, percebe-se que uma das revistas pornográficas mais vendidas no mundo iniciou sua trajetória como fonte de assuntos variados, com ênfase nas modalidades arquitetônicas, tendo sido a demasiada busca por imagens eróticas que levou a revista a publicá-las com maior frequência, afastando-a de sua proposta original para suprir a demanda do mercado consumidor e desta forma, aumentar sua lucratividade.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A ínfima linha entre profissões de cunho similares e as diferentes percepções que gera num mesmo grupo social, desde a fixação das nomenclaturas até a padronização da remuneração, não são meros acasos. Percebe-se que a hierarquização da prostituição tem sido utilizada como ferramenta para garantir a opressão de níveis mais baixos, como a prostituição de rua, em favor da valorização dos níveis mais altos, como a indústria pornográfica e, a procura do mercado tem estimulado a customização destes “produtos” para estender a comercialização a todos os perfis de clientes. O presente trabalho foi desenvolvido com o intuito de compreender como a sociedade vem reagindo de forma discrepante a dois trabalhos de natureza similares e as relações de poder existente na hierarquização da prostituição.

As relações de poder, presentes na hierarquização destas profissões, tem sido utilizada pelo mercado para impulsionar a rotulação destas profissionais e influenciar a percepção social com o intuito de manter algumas dessas classes na marginalização. A concepção de que a prostituição está relacionada unicamente com garotas de programa de rua, bem como a necessidade de classificar e identificar cada classe da prostituição como se não pertencesse ao mesmo ramo de trabalho, é uma estruturação que vem sendo feita a longo prazo com a finalidade de naturalizar a comercialização dos corpos e expandir o mercado consumidor.

Portanto, se pode inferir que as relações de poder atuam sobre os corpos (biopolítica), transformando-os em mercadorias escalonadas (mercantilização da vida), as quais somente aos espectros mais baixos são reservadas as atuações de controle social formal, ou seja, o sistema penal apenas opera mecanismos disciplinares sobre os estratos mais baixos nesse mercado sexual, enquanto invisibiliza formas de violência e exploração naturalizadas pelos

estratos mais altos, mantendo uma dinâmica própria da sociedade do controle, pois mantém a previsibilidade de comportamentos a partir da liberdade dos sujeitos envolvidos nessas relações, sem necessitar de instrumentos coercitivos para alcançar suas finalidades.

## REFERÊNCIAS

ATRIZ PORNO. Dicionário online informal, 18 maio 2019. Disponível em:<  
<https://www.dicionarioinformal.com.br/atriz%20porn%C3%B4/>>. Acesso em: 18 maio 2019.

BATISTA, Vera Malaguti. Introdução crítica à criminologia brasileira. **Rio de Janeiro: Revan**, v. 2, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Zahar, 1999.

BENITEZ, Maria Elvira Diaz. Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro. **Rio de Janeiro: Zahar**, 2010.

PRECIADO, Beatriz; YONQUI, Testo. Pornotopía. Arquitectura y sexualidad en «Playboy» durante la guerra fría. Barcelona: Anagrama, 2010. **Manifiesto contra-sexual. Barcelona: Anagrama**, 2011.

PROSTITUTA. Dicionário online Dicio, 17 maio 2019. Disponível em:<  
<https://www.dicio.com.br/prostituta/>>. Acesso em 17 maio 2019.

THE adult entertainment industry: First mover and high returns. 2018. Disponível em:  
<<https://medium.com/@redbux/the-adult-entertainment-industry-first-mover-and-high-returns-306e0f10e8c6>>. Acesso em: 18 abr. 2019.

